PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Saúde
Subsecretaria de Promoção, Atenção Primária e Vigilância em Saúde
Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade

Cyntia de Oliveira Veloso

Saúde da mulher no climatério: as possibilidades e os desafios para a atuação da Enfermeira na Atenção Primária à Saúde

Rio de Janeiro

2025

Cyntia de Oliveira Veloso

Saúde da mulher no climatério: as possibilidades e os desafios para a atuação da Enfermeira na Atenção Primária à Saúde

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Saúde da Família e Comunidade.

Orientadora : Ma. Thauanne de Souza Gonçalves
Coorientadora: Tayná Leonardo da Silva

Rio de Janeiro
2025

DEDICATÓRIA

Dedico à Deus que me deu luz e sabedoria para escrever este trabalho. Não posso deixar o meu maior agradecimento à C.F. Zilda Arns por todo o aprendizado para esta conclusão, o meu eterno agradecimento.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, que cuidou de mim nos detalhes, dando-me força e coragem durante esses dois longos anos de residência. Agradeço em especial ao meu esposo e filho, Josimario e João Davi, por me entender e me apoiar, mesmo com os surtos diários e impaciência em muitos momentos. Um agradecimento especial às minhas RIguais, sem o apoio delas nada seria possível. Agradeço à minha orientadora pela paciência e por todas as instruções para esta conclusão, o meu eterno agradecimento. Não foi fácil, mas até aqui a boa mão do senhor tem me sustentado.

RESUMO

VELOSO, Cyntia. **Saúde da mulher no climatério: as possibilidades e os desafios para a atuação da Enfermeira na Atenção Primária à Saúde.** 2025. Este estudo tem como objetivo conduzir uma revisão integrativa voltada para práticas e intervenções da enfermagem no cuidado à mulher durante o climatério, no contexto da atenção primária à saúde. A pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa e caráter descritivo, tendo como base uma revisão da literatura. Para a coleta dos dados, foram utilizados descritores em Ciências da Saúde (DeCS), aplicados em bases bibliográficas como LILACS, MEDLINE, BDENF e IBECS. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, seguida pela análise completa dos textos, foram selecionados sete artigos relevantes para o tema. Evidenciou-se uma lacuna na produção científica sobre a temática. Foram encontrados poucos artigos que tratassem especificamente do assunto. Os resultados indicam que os Enfermeiros têm insegurança na abordagem às mulheres climatéricas e a necessidade da implantação de educação continuada para uma melhor assistência.

Descritores: Enfermagem; Climatério; Saúde da Mulher; Atenção primária à saúde.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultados da busca de artigos com dupla de descritores..... 18

Quadro 2 – Resultados da busca de artigos com trio de descritores..... 19

Quadro 3 – Descrição dos artigos incluídos 19

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde
APS	Atenção Primária à Saúde
DCNT	Doenças Crônica Não Transmissível
DMO	Densidade Mineral Óssea
ESF	Estratégia Saúde da Família
HAS	Hipertensão Arterial Sistêmica
HDL	High Density Lipoprotein
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IST	Infecção Sexualmente Transmissível
LDL	Low Density Lipoprotein
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAISM	Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher
PIC	Práticas Integrativas Complementares
PNAB	Política Nacional de Atenção Básica
PNAISM	Programa Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher
PNPIC	Programa Nacional de Práticas Integrativas Complementares
PREFC	Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 7
1.1. SITUAÇÃO PROBLEMA..... 8
2. JUSTIFICATIVA.....9
3. OBJETIVOS..... 11
3.1. OBJETIVO GERAL..... 11
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... 11
4 REFERENCIAL TEÓRICO..... 11
4.1. O CLIMATÉRIO..... 11
4.2. ALTERAÇÕES FISIOLÓGICAS..... 12
4.3 ABORDAGEM TERAPÊUTICA..... 13
4.3.2 PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES (PIC) NA APS..... 13
4.4 A APS NA SAÚDE DA MULHER..... 14
4.5 ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA..... 16
5 METODOLOGIA..... 17
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 21
6.1 A PERCEPÇÃO DAS MULHERES QUANTO AO CLIMATÉRIO..... 21
6.2 ABORDAGEM DA ENFERMAGEM AO CLIMATÉRIO NA APS..... 23
6.2.1 A PERCEPÇÃO DO ESTUDO NA CONSULTA DE ENFERMAGEM REALIZADA NA APS..... 25
6.3 AUSÊNCIA DE EDUCAÇÃO PERMANENTE E ATUALIZAÇÕES DE PROTOCOLOS SOBRE A TEMÁTICA..... 26
7 CONCLUSÃO..... 27
REFERÊNCIAS..... 29

1. INTRODUÇÃO

As mulheres constituem a maioria da população brasileira e também desempenham o papel de principais usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, com o aumento contínuo da expectativa de vida no Brasil, o número de mulheres fora da fase reprodutiva tem apresentado um aumento na procura de assistência. Por conseguinte, faz-se necessário uma visão ampliada de diversos aspectos da saúde nessa fase da vida. Com o aumento da população de mulheres na faixa etária do climatério, a atenção adequada a esta fase torna-se essencial para garantir a sua saúde e a qualidade de vida (Brasil, 2008).

Segundo os dados coletados pelo Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE) pelo censo demográfico em 2022, no Brasil são mais de duzentos e três milhões de pessoas (203.080.756). As mulheres com idade entre 40 a 64 anos são mais de trinta e três milhões (33.454.450), o que corresponde a 16,47% da população brasileira (IBGE, 2024a). No estado do Rio de Janeiro, a população é de 16 milhões (16.055.174) de pessoas, com 52,8% sendo mulheres (IBGE, 2024b).

No ano de 2022, a média da expectativa de vida ao nascer foi de 75,5 anos. No entanto, existe uma diferença de 7 anos da expectativa de vida ao nascer entre homens e mulheres. Para as mulheres, a expectativa de vida é de 79 anos, enquanto para os homens é de 72 anos (Agência IBGE, 2024).

Diante deste cenário, muitas mulheres convivem com os sintomas do climatério, o que exige que os profissionais de saúde estejam preparados e atualizados para oferecer uma assistência adequada a essas usuárias. Reconhecendo essa necessidade, o Ministério da Saúde, por meio da Coordenação Geral de Saúde das Mulheres, tem buscado atualizar o Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa (Brasil, 2008) e promover uma "formação voltada para profissionais de saúde" (Massari; Lima, 2024). Desta forma, é vista a necessidade de um atendimento diferenciado, especialmente por parte dos enfermeiros, que desempenham um papel importante na gestão da saúde das mulheres durante essa fase. Esses esforços evidenciam a relevância do tema abordado neste trabalho.

A saúde da mulher envolve uma ampla gama de aspectos que influenciam para seu bem-estar. Dentre esses aspectos, destaca-se a fase do climatério, que requer atenção por ser um momento marcado por mudanças físicas, sociais, emocionais e hormonais significativas que podem impactar sua qualidade de vida e bem-estar geral.

Segundo o Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa do Ministério da Saúde (Brasil, 2008), "o climatério é um ciclo biológico da vida e não patológico", que

corresponde à mudança da fase reprodutiva para a não reprodutiva na vida da mulher. Devido a queda da produção dos hormônios de estrogênio e progesterona pelos ovários, acontece entre os 40 e 65 anos. Nesse período geralmente ocorrem flutuações hormonais, irregularidades menstruais, mudanças físicas e emocionais. É neste momento que ocorre um importante marco, a menopausa, que é descrita pelo período de 12 meses consecutivos de amenorreia (CURTA, et al 2020).

É recorrente o desconhecimento dos profissionais de saúde para lidar com a fase do climatério, que pode criar uma deficiência no entendimento das mulheres sobre as mudanças dessa fase da vida. Por envolver muitos sintomas, mudanças e alterações emocionais e metabólicas, é um período desafiador para que os profissionais de saúde possam identificar e manejar todos os aspectos (sintomas e tratamento adequado) da temática.

Conforme a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), a Atenção Primária à Saúde (APS) no Brasil é a principal porta de entrada para o Sistema Único de Saúde (SUS) e é estruturada por meio da Estratégia Saúde da Família (ESF), que oferece atendimento integral e gratuito a todos os usuários. Possui como alguns de seus princípios a integralidade e a equidade, com a finalidade de promover ações de saúde individuais ou coletivas envolvendo promoção de saúde, prevenção de doenças, vigilância em saúde. Estes sendo otimizados por meio de práticas de cuidado integrado, realizado por uma equipe multiprofissional e destinada a uma população adstrita em um determinado território. A ESF possui então como objetivo desenvolver a atenção integral à saúde da população, desempenhando um papel fundamental na comunicação dos diferentes pontos de atenção à saúde (Brasil, 2017). É neste espaço que a maior parte do atendimento à mulher no período do climatério deve acontecer. E a Enfermeira desempenha um importante papel no desenvolvimento deste cuidado.

1.1. SITUAÇÃO PROBLEMA

A enfermagem é uma profissão historicamente associada ao gênero feminino, com a maioria dos profissionais sendo mulheres. Isso se deve, em parte, à construção social do cuidado como uma responsabilidade feminina, que remonta a épocas antigas, quando o ato de cuidar estava intrinsecamente ligado ao papel das mulheres nas famílias. Esse contexto continua a se refletir na prática atual, especialmente na Atenção Primária à Saúde, onde as enfermeiras desempenham um papel essencial no cuidado à saúde das mulheres, incluindo aquelas em climatério (SANTOS, 2021; SILVA, 2021; HEIDEMANN, 2023).

É nesse contexto que se insere o presente trabalho, com o objetivo de compreender as abordagens realizadas nas consultas de enfermagem para mulheres no climatério na Atenção Primária à Saúde (APS). A saúde reprodutiva das mulheres deve ser uma prioridade na APS, considerando os diferentes momentos do ciclo reprodutivo que geram necessidades específicas, como a menarca, o início da vida sexual, a gravidez, o puerpério, o climatério e a menopausa. No entanto, é possível que muitas mulheres vivenciam essas fases sem compreender plenamente as mudanças em seus corpos e as demandas específicas de cada etapa. Nesse sentido, destaca-se a importância da atuação do enfermeiro nas consultas, a fim de orientar e atender a essas necessidades.

Dada a complexidade das mudanças físicas e emocionais enfrentadas pelas mulheres durante o climatério, a atuação da enfermeira se torna crucial para garantir um atendimento integral e humanizado.

A enfermagem atua na saúde da mulher ofertando assistência no atendimento às necessidades de saúde em todas as fases de seu ciclo de vida, realizando ações de promoção, prevenção e recuperação da saúde, promovendo planos de cuidados e uma atenção integral, baseados em protocolos de enfermagem que conduzem o fazer prático da profissão (BUSATTO et al., 2023).

A enfermeira é parte da equipe mínima de ESF e atua na APS, um importante colaborador de ação multidimensional, pois desempenha o seu papel na gerência, administração, pesquisa, ensino e na assistência. Neste cenário, a enfermeira trabalha baseado em saberes científicos, assim como protocolos de enfermagem que direcionam a sua prática, atribuindo amplitude na autonomia da assistência, viabilizando consultas de pré-natal, tuberculose, puericultura, planejamento reprodutivo, exame preventivo de câncer de útero, solicitação de exames específicos e outros mais (GEREMIA *et al*. 2022).

Nesse contexto, considera-se essencial reforçar a importância da enfermeira na APS, que deve estar preparada para identificar e promover cuidados de saúde para as mulheres no climatério. Assim, pode promover a compreensão e o manejo dessa fase da vida, orientando a mulher a respeito das mudanças no seu organismo. Este trabalho, então, destaca o potencial da enfermagem no cuidado à mulher no climatério.

2. JUSTIFICATIVA

Segundo a PNAB (BRASIL, 2017), a APS é a principal porta de entrada para todas as usuárias do SUS, recebendo as suas demandas em todas as fases do ciclo de vida. É então o

local onde ocorrem os atendimentos que podem identificar os sinais e sintomas do climatério e de onde devem partir as orientações qualificadas.

A pesquisa surgiu no período de atendimento como residente atuante do Programa de Residência da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, em uma Clínica da Família na APS, após acompanhamento e realização de muitos atendimentos em livre demanda e consultas programadas com mulheres apresentando sinais e sintomas relacionados ao climatério. Essas mulheres vinham buscando resolutividade isoladamente, ou relacionavam esses sintomas a outras queixas, na sua grande maioria sem o conhecimento das mudanças fisiológicas que ocorrem nessa fase da vida feminina. Observou-se que o conhecimento relacionado a temática estava resumido nos fogachos e na ausência da menstruação por alguns meses. Conheciam somente a caracterização do momento da menopausa.

Além disso, observou-se que os profissionais enfrentavam dificuldades em oferecer orientações educativas e preventivas, com base científica, a essas mulheres nessa nova fase do ciclo da vida, prestando assistência ao sinal ou sintoma apresentado de forma isolada.

A literatura científica mostra que esta é uma temática pouco explorada pelos profissionais na APS. Muitas das vezes, na saúde da mulher, é desviada a atenção do climatério para as linhas de cuidados e os indicadores, e especialmente para as mulheres no período fertil, com o acompanhamento de pré natal, anticoncepcional, hipertensão e diabetes, queixas mais presentes nos atendimentos diários. Os atendimentos às mulheres durante essa fase da vida muitas das vezes se resumem em coleta de citopatológicos, mamografias, testes rápidos e resolutividade em queixas apresentadas isoladamente explicitando desta forma a fragmentação do cuidado (Silva, et al, 2015)

O Ministério da Saúde também identifica a relevância dessa temática, atuando na revisão e atualização do Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa, de 2008 (Brasil, 2008), associada a criação de uma formação para profissionais de saúde (Massari; Lima, 2024), o que vai ao encontro do que busca este trabalho para o profissional enfermeiro.

A enfermeira que atua na APS, deve ser capaz de identificar e promover cuidados de saúde para mulheres no climatério. É essencial que esteja capacitada e atualizada para proporcionar cuidados de saúde de qualidade a essas mulheres nessa fase tão importante da vida. A partir disso, o estudo torna-se relevante e poderá ser utilizado pelos enfermeiros e enfermeiras no atendimento a mulheres no climatério, colaborando com informações para instruir o profissional para a assistência e o planejamento do cuidado de enfermagem.

Como questão norteadora, este estudo pergunta: O que a literatura científica diz sobre a atuação da enfermeira na atenção ao climatério no âmbito da APS?

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Elaborar uma revisão integrativa sobre o papel da enfermeira na assistência a mulheres no climatério no âmbito da Atenção Primária à Saúde

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar ações, práticas e intervenções utilizadas pelo enfermeiro na APS em mulheres que vivenciam o climatério;
- Observar a relevância da consulta de enfermagem na APS para a saúde das mulheres nesse ciclo da vida.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. O CLIMATÉRIO

O climatério faz parte do ciclo de vida das mulheres. É a fase de transição da etapa reprodutiva para a não reprodutiva, ocorrendo entre os 40 e 65 anos de idade. Neste momento ocorre a diminuição das atividades ovarianas, ou seja a declínio na produção dos hormônios estrogênio e progesterona. Com as alterações hormonais, ocorrem alterações do ciclo menstrual e em seguida a menopausa, caracterizado por um período de doze meses contínuo de amenorreia. Sendo uma fase biológica e não um processo patológico (Brasil, 2016).

Esse processo de transição contém alguns períodos. O primeiro é a pré-menopausa, no qual ocorre declínio da produção dos hormônios ovarianos. Mantém-se os ciclos menstruais regulares, mas com diminuição da fertilidade. Normalmente, ocorre após os 40 anos. Segundo, é a perimenopausa, em que ocorre flutuação hormonal, ciclos menstruais irregulares e alterações endócrinas. Inicia dois anos antes da última menstruação e transcorre até um ano depois. Por fim, a pós-menopausa, iniciada até um ano após a confirmação da menopausa. É um período de maior estabilidade dos níveis hormonais (Brasil, 2008).

4.2. ALTERAÇÕES FISIOLÓGICAS

Em relação às alterações fisiológicas na produção dos hormônios ovarianos nessa etapa da vida, cada pessoa passa pelo climatério de forma singular. Muitas mulheres vivenciam essa fase sem apresentar sintomas, enquanto outras podem relatar uma variedade de queixas, com diferentes graus de intensidade. Algumas manifestações são temporárias, já outras podem resultar em alterações duradouras (Brasil, 2016).

As mulheres climatéricas na sua maioria não identificam a maioria das alterações hormonais, fisiológicas e emocionais relacionadas à cessação de ciclos menstruais, devido ao declínio da produção hormonal, apesar de vivenciarem os vários sinais e sintomas climatéricos (CURTA, et al. 2020).

Durante o climatério, ocorre uma redução gradual dos níveis de estrogênio e progesterona devido ao declínio da função ovariana. Essa mudança afeta diversos sistemas do corpo, levando a sintomas como ondas de calor (fogachos), suores noturnos, alterações no ciclo menstrual com pioria das cólica e tensão pré menstrual, muita secura vaginal (ocasionando dispareunia), astenia, insônia, depressão e incontinência urinária, está também associado ao envelhecimento (Peixoto et al., 2015).

Além das alterações fisiológicas, essa fase do ciclo da vida possibilita à pessoa refletir a respeito da sua trajetória de vida. É o momento que coincide com outras etapas importantes da vida como a saída dos filhos de casa, aposentadoria e complicações de saúde decorrentes da idade. Cada uma irá reagir a essas situações de forma diferente, o que reflete nos seus sentimentos e na qualidade de vida. É necessário que se compreenda toda essa mudança para conseguir se adaptar com as conquistas e frustrações (Curta et al., 2020).

A diminuição do estrogênio está associada a um aumento do risco de osteoporose e fraturas ósseas, devido às alterações no metabolismo ósseo. O estrogênio desempenha um papel crucial na manutenção da densidade óssea (Junior, et al, 2020).

Segundo Jimenez et al. (2022), o hipoestrogenismo e o envelhecimento são as duas condições que mais colaboram no desenvolvimento da osteoporose; no entanto, também existe a exposição a medicamentos e doenças que podem contribuir para uma diminuição na densidade mineral óssea (DMO).

A redução dos níveis hormonais influencia na saúde cardiovascular, aumentando o risco de doenças cardíacas. Com essas mudanças ocorre aumento das taxas de triglicerídeos, em especial do LDL-c e a diminuição do HDL-c, colaborando para complicações cardíacas no sistema vascular, ocasionando relevante ganho de peso, aumento da gordura abdominal,

que em conjunto com a diminuição da prática de atividade física em função da redução de força muscular e da massa óssea, potencializa o risco de doenças cardiovasculares. O estrogênio também possui efeito protetor no sistema cardiovascular, devido sua ação antioxidante, dificultando o processo de formação da placa aterosclerótica (Selbac, et al,2018).

Dos aspectos importantes da saúde da mulher que são afetados no período do climatério são as condições psicossociais e a saúde mental. A mudança hormonal também pode influenciar significativamente. Mas também a auto percepção e as mudanças corporais podem levar a uma afetação mais profunda da saúde mental dessas mulheres (Mendonça, 2024). Outros estudos perceberam uma alta prevalência de transtornos mentais em mulheres no climatério e reconheceram uma influência importante na sua qualidade de vida por essa causa (Galvão, 2007).

4.3 ABORDAGEM TERAPÊUTICA

4.3.1 TERAPIA HORMONAL

Independentemente da apresentação de sinais e sintomas mais relevantes no climatério, a recomendação padrão diz que não se faz necessário realizar reposição hormonal. Indica-se intervir com mudanças comportamentais, tais como práticas de exercícios físicos e alimentação. O climatério é um ciclo da vida fisiológico e não patológico, salvo em alguns casos específicos. O uso imoderado de medicalização de hormônio nos corpos das mulheres tem sido uma prática recorrente para alguns profissionais. É essencial que os profissionais de saúde se mantenham informados e atualizados para realizar uma abordagem mais eficaz. Quando se faz necessário o uso, deve ser administrada dosagem mínima eficaz para melhoria dos sintomas, assim que os benefícios desejados forem alcançados, a medicação deverá ser interrompida (BRASIL,2008).

4.3.2 PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES (PIC) NA APS

A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) foi implementada em 2006 no SUS e tem como objetivo disponibilizar assistência de cuidado integral à população, por meio de recursos terapêuticos diversos que complementam os tratamentos convencionais. Disponibilizando uma abordagem mais integral e centrada na

pessoa. A (PNPIC) foi regulamentada através da Portaria GM/MS de nº 971 de 2006 pelo Ministério da Saúde.

Estas devem ser baseadas na escuta ativa, no desenvolvimento do vínculo terapêutico, promove os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, utilizando diversas abordagens como a visão ampla do processo saúde-doença e a promoção global do cuidado humano, principalmente do autocuidado (Brasil, 2006).

Essas práticas foram ampliadas em março de 2017, a partir da publicação da Portaria GM/MS No. 849/2017, totalizando 29 práticas integrativas, possibilitando maior resolutividade à integralidade da atenção à saúde e ampliando a assistência a toda população. O progresso da demanda e oferta dessas práticas na esfera pública e particular tem certificado a eficiência da PIC no cuidado e assistência da população e um importante passo na saúde pública. A partir da implementação dessas práticas, muitas enfermeiras especializadas reconhecem na prática novas possibilidades de intervenção e resolução de situação de saúde doença. (DACOREGIO, 2024)

De acordo com Araújo et al 2020, os enfermeiros têm colaboração direta para a adesão e realização das práticas integrativas. Cada prática possui particularidades, mas todas são apontadas por possuírem benefícios positivos em relação à redução dos sintomas do climatério e durante a menopausa. As principais terapias alternativas identificadas foram prática de exercício físico, acupuntura, hidroterapia, plantas medicinais, yoga e imaginação guiada, adesão e realização das terapias alternativas, porém ainda existe grande desconhecimento sobre como realizar tais práticas. Além disso, ocorre escassez em profissionais especializados na realização das PICs, evidenciando ser importante a inclusão do ensino e qualificação das mesmas dentro do ensino na graduação e dos programas de educação permanente em saúde coletiva.

4.4 A APS NA SAÚDE DA MULHER

No Brasil, a Atenção Primária à Saúde (APS) é o principal ponto de acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), desempenhando um papel crucial na estruturação da saúde pública. Visando promover um conjunto de ações no contexto individual e coletivo a população de um território adscrito possibilitando o acesso. A APS se organiza através da Estratégia Saúde da Família (ESF), na qual a saúde é ofertada gratuitamente e integralmente a todas os usuários com alguns princípios tais como integralidade e equidade, com a finalidade

de promover ações de saúde individuais ou coletivas envolvendo promoção, prevenção, vigilância em saúde, otimizada por meio de práticas de cuidado integrado, realizado por uma equipe multiprofissional e destinada a uma população adstrita em um determinado território, com o objetivo de desenvolver a atenção integral à saúde da população, e desempenha um papel fundamental na comunicação dos diferentes pontos de atenção em saúde, segundo a Política nacional de Atenção Básica (PNAB, 2017).

A ESF se caracteriza pela formação de equipes multiprofissionais que atuam de maneira territorializada, sendo um modelo que prioriza a promoção da saúde e a prevenção de doenças por meio de acompanhamento integral e contínuo, buscando atender as necessidades específicas da família e individualizar o cuidado. Além disso, a estratégia favorece a formação de vínculo entre os profissionais de saúde e os usuários, o que é essencial na adesão ao tratamento e continuação do cuidado (Macinko, et al. 2010). Portanto a ESF representa uma estratégia importante no fortalecimento da APS, promovendo uma saúde integral e equidade no acesso aos serviços de saúde.

O Ministério da Saúde criou o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), em 1984, tornando possível acompanhamento à saúde da mulher de forma mais amplificada, com inúmeras atividades, possibilitando os primeiros passos para o serviço integral, pois anteriormente essa assistência era realizada com foco na saúde reprodutiva. A assistência passou a ser realizada em todas as fases do seu ciclo vital, incluindo ações como do câncer ginecológico, das infecções sexualmente transmissíveis, pré-natal, parto, puerpério e planejamento familiar (Silva, et al, 2023).

O entendimento da necessidade de avançar nessa área, de tratar a saúde da mulher de forma integral levou à criação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) em 2004, pelo MS, com objetivo de garantir os direitos legalmente constituídos e a ampliação do acesso aos meios e serviços de promoção, prevenção, assistência e recuperação da saúde. Além disso, o objetivo era contribuir para a diminuição da morbidade e mortalidade feminina no Brasil, abrangendo todos os ciclos da vida e diferentes grupos populacionais, sem qualquer tipo de discriminação. Também buscava qualificar e humanizar os profissionais do SUS no atendimento integral à saúde da mulher, promovendo a melhoria das condições de vida e saúde das mulheres brasileiras.

De acordo com o Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa (2008), se faz necessário compreender a complexidade dessa fase e seu impacto na vida dessas mulheres, para oferecer uma atenção que busca o bem-estar em sua integralidade. A escuta é primordial para um diagnóstico e acompanhamento adequado, para alcançar a promoção da

saúde, prevenção de doenças e assistência aos sintomas clínicos dessa fase. Além disso, fornecer informações claras sobre as alterações no corpo durante o climatério, com orientações simples, ajuda a mulher a compreender e aceitar melhor as mudanças associadas ao envelhecimento, incentivando-a a assumir um papel mais ativo e protagonista em sua vida.

4.5 ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA

Segundo a PNAB (2017), a enfermeira atua na APS, realiza consulta de enfermagem de acordo com protocolos estabelecidos, presta assistência à saúde aos indivíduos e famílias vinculadas às equipes, realiza a assistência no consultório, domicílio, e/ou nos espaços no território.

A enfermeira na APS precisa realizar escuta ativa e realizar avaliação clínica de cada usuária para desenvolver estratégias de cuidado e manejo da sintomatologia climatérica, a partir de suas demandas. Em seguida, orientar e intervir nessas demandas, tais como: quanto ao ganho de peso e aumento da gordura abdominal, avaliar o estado nutricional por meio do cálculo do índice de massa corporal (IMC); reforçar a importância da prática regular de exercícios físicos; a relevância da alimentação saudável e como pode atuar no perfil lipídico normal, e na profilaxia da osteoporose e das doenças cardiovasculares; estimular a participação da mulher em atividades de cunho social e mesmo a prática de atividades laborais para contribuir na saúde mental; detectar e rastrear fatores de risco para doenças crônicas, sinais de desordem emocional e outros agravos e ofertar o tratamento adequado (câncer de mama e colo de útero, osteoporose, doenças cardiovasculares,depressão etc); orientar a prática de exercícios de Kegel para o reforço da musculatura do assoalho pélvico (MONTORO, 2018).

5 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado com abordagem qualitativa e caráter descritivo, tendo como base uma revisão integrativa da literatura. De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008) “A revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica”.

Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa da literatura, “é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”. A revisão de literatura ocorreu no segundo semestre no segundo ano de residência entre os meses de junho a setembro de 2024. Conforme disposto na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, a presente revisão integrativa é dispensada de registro e avaliação pelo sistema CEP/CONEP.

Na busca dos artigos para compor o presente estudo, utilizou-se as bases bibliográficas: Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval Online (MEDLINE), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e Índice Bibliográfico Espanhol em Ciências de la Salud (IBECS). O resultado final, após inclusão e exclusão, totalizou sete estudos.

Durante o levantamento dos estudos para compor a presente pesquisa, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Utilizou-se os seguintes descritores: enfermagem, climatério e atenção primária à saúde, que foram associados utilizando o operador booleano AND, conforme descrito nos Quadros 1 e 2.

Na segunda fase, de exploração do material, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de exclusão foram: artigos duplicados, indisponíveis na íntegra, e estudos que afastam do tema. Os critérios de inclusão foram: disponibilidade integral, relevância para a questão central do tema, publicação entre 2019 e 2024 e idioma em português. Os artigos resultantes estão descritos no Quadro 3. Foram utilizados o resultado da busca de artigos com trio de descritores para análise de resultados e discussão.

Quadro 1: Resultados da busca de artigos com dupla de descritores

Descritores	LILAcS	BDENF	MEDLINE
Enfermagem AND Climatério	19	19	01
Enfermagem AND Atenção Primária à Saúde	1.204	1.060	1.123
Climatério AND Atenção Primária à Saúde	09	06	00

Veloso C.O. 2024.

Para realizar uma busca mais refinada, foi realizada a busca dos artigos com descritores em trio e acrescentado uma nova base de dados IBECS, pois a base MEDLINE não resultou em nenhum artigo com os termos mais relevantes.

Quadro 2: Resultados da busca de artigos com trio de descritores

Descritores	LILAcS	BDENF	MEDLINE	IBECS
Enfermagem + Climatério + Atenção Primária à Saúde	05	05	00	01

Veloso C.O. 2024.

Quadro 3: Descrição dos artigos incluídos

	Fonte	Títulos	Autores	Edição, volume, número, ano, página	Objetivos
1	LILACS/ BDENF	Atenção à saúde da mulher na atenção primária: percepções sobre as práticas de enfermagem	Busatto, Luiza Santos; Ardisson, Maíra Dorighetto; Prado, Thiago Nascimento do; Rohr, Roseane Vargas; Silva,	*Enferm. foco (Brasília) ; 15(supl.1): 1-6, mar. 2024.*	Identificar práticas de enfermagem direcionadas ao atendimento à saúde da mulher no

			Fátima Maria; Lazarini, Welington Serra		âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS), caracterizando-as pelo modo como ocorrem e lugar que ocupam no processo de trabalho dos Enfermeiros
2	IBECS	A experiência vivida das mulheres numa zona rural de Asientos, Aguascalientes durante o período climatérico / Climacteric experience of women in a rural area of Asientos, Aguascalientes	Valtierra Reveles, Elizabeth; Montañez Plascencia, Diana I; Torre, Fátima G. Ramírez de la; Martínez Ruvalcaba, Andrea S; Rodríguez Torres, Athziri B; Altamira Camacho, Ramiro.	*Cult. cuid ; 27(67): 26-40, Dic 11, 2023.*	Descobrir a experiência das mulheres na fase climatérica da vida que vivem numa zona rural do município de Asientos, Aguascalientes
3	LILACS	Assistência de enfermagem às mulheres no climatério na atenção primária à saúde: revisão integrativa	Carvalho, Marina Lefol Nani; Mota, Kárita Santos da; Chini, Lucélia Terra; Ribeiro, Patrícia Mônica; Felipe, Adriana Olímpia Barbosa; Freitas, Patrícia Scotini.	*Arq. ciências saúde UNIPAR ; 27(5): 3151-3167 , 2023.*	Analisar as evidências disponíveis na literatura sobre a assistência de enfermagem na saúde das mulheres no climatério na APS
4	LILACS, BDENF	A percepção da mulher com relação à consulta do climatério	Santos, Carmem Lúcia dos; Ferreira, Larissa Geovana dos	*Nursing (Ed. bras., Impr.) ; 25(285):*	Descrever a percepção da consulta de enfermagem

			Anjos; França, Vinícius Gabriel Costa; Carvalho, Maria Valéria Gorayeb de; Santos, Raquel Bezerra dos; Sousa, Vanessa Juvino de.	*7204-7221 , fev.2022.*	no climatério sob a ótica das mulheres atendida na Atenção Primária
5	LILACS, BDENF	Climatério e menopausa: conhecimento e condutas de enfermeiras que atuam na Atenção Primária à Saúde	Campos, Poliana Ferreira; Marçal, Maria Eduarda Almeida; Rocha, Luanna dos Santos; Carvalho, Valdirene Pereira da Silva; Silva, Jovânia Marques de Oliveira e.	*Rev. enferm. UFSM ; 12: e41, 2022.*	Identificar o conhecimento e condutas de enfermeiras na APS sobre climatério e menopausa.
6	BDENF	Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério	Banazeski, Ana Claudia; Luzardo, Adriana Remião; Rozo, Ana Júlia; Sinski, Kassiano Carlos; Palombit, Mateus Rodrigo; Conceição, Vander Monteiro da	Rev.enferm. EFPE on -line; 15:e245748;2021	Analisar atenção a saúde das mulheres acerca do manejo do climatério por enfermeiros de APS
7	LILACS, BDENF	Necessidades de cuidado de mulheres no climatério com hipertensão: possibilidades de trabalho do enfermeiro	Castilhos, Lara; Schimith, Maria Denise; Silva, Laís Mara Caetano da; Prates, Lisie Alende; Girardon-Perlini, Nara Marilene Oliveira	*Rev. enferm. UFSM ; 11: e15, 2021.*	Compreender as necessidades de cuidado de mulheres no climatério com Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS)

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do agrupamento dos resultados da pesquisa percebeu-se uma lacuna na produção científica sobre a temática. Foram encontrados poucos artigos que tratassem especificamente do assunto. Apesar desta lacuna, nota-se que no âmbito do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade do Rio de Janeiro, este assunto vem sendo tratado em outros Trabalhos de Conclusão de Residência nos últimos anos, nos quais o presente estudo se inspirou e a que se soma, pois os resultados são complementares (Samrsla, 2023; Oliveira, 2023).

Baseado na análise dos sete artigos incluídos, foi possível evidenciar alguns pontos importantes que possibilitaram o desenvolvimento de três categorias de discussão intituladas: a percepção das mulheres quanto ao climatério; abordagem da enfermagem às mulheres climatéricas na APS; e ausência de educação permanente e atualizações de protocolos sobre a temática.

6.1 A PERCEPÇÃO DAS MULHERES QUANTO AO CLIMATÉRIO

Nessa primeira categoria, Valtierra et al. (2023) indicam que muitas mulheres desconhecem o climatério, como uma etapa natural do ciclo de vida que marca a transição entre a fase reprodutiva e a não reprodutiva. As mulheres não costumam associar os seus sinais e sintomas a essa etapa, demonstrando déficit de conhecimento do processo fisiológico do próprio corpo.

Segundo Santos et al. (2022), o climatério é visto como uma etapa da vida muito difícil, devido ao desconhecimento dos sintomas e sensação de incompreensão. Esses sentimentos são vivenciados por muitas mulheres que passam pelo climatério, com emoções desconhecidas, devido a falta de entendimento das mudanças no corpo e os seus efeitos biológicos.

Ainda nessa categoria, Santos et al. (2022), reforça que as mulheres enfatizam essa fase ser muito difícil, devido ao desconhecimento das mudanças corporais e psicológicas, acarretando muito desconforto e às vezes ansiedade. Quando ouvidas e esclarecidas as dúvidas, inicia o entendimento sobre a nova fase da vida que estão vivenciando. As mesmas demonstram gratidão por saírem do desconhecido. As mudanças no corpo e no psicológico passam a ter sentido e demonstram interesse em nova consulta, em buscar conhecimentos, conseguindo compreender a necessidade do autocuidado.

Complementando o supra referido, Castilhos et al. (2021), reconhecem como um período complexo na vida da mulher, em especial devido às mudanças biopsicossociais decorrentes desta fase, cujos sintomas, se não controlados, impactam negativamente nas atividades cotidianas das mulheres. As manifestações do climatério foram observadas e sentidas com intensidade única por cada mulher, a partir de suas percepções e vivências individuais. As alterações pertinentes a esse processo não foram captadas por algumas usuárias, em contrapartida outras tiveram percepções muito intensas. É possível então identificar que este momento resulta em uma experiência singular para cada mulher.

O estudo realizado com mulheres da zona rural de Asientos, Valtierra et al (2023), aponta uma mudança geracional. Nas gerações anteriores era uma temática proibida, não ensinavam nada a respeito, o que é muito diferente das novas gerações que pesquisam e discursam sobre a temática sem nenhum tabu. Observou-se que como não se comentava sobre o assunto, muitas mulheres passavam pelo climatério com mais sofrimento, por ser uma etapa desconhecida repleta de mudanças que precisavam enfrentar sozinhas, interferindo nas atividades diárias. Destaca-se, especialmente devido ao declínio hormonal, que o desejo sexual muito diminuído ou ausente gerou problemas em seus relacionamentos.

Ainda segundo Santos et al (2022), nota-se que o climatério é uma fase negligenciada na vida das mulheres. As pesquisas e estudos apontam o quanto impactam o fisiológico, psicológico dessas mulheres. Muitas delas reclamam não ter apoio e compreensão de seus familiares, demonstrando a falta de conhecimento da sociedade sobre a temática, o que traz impactos negativos na vivência desta etapa fisiológica.

No estudo de Castilhos et al. (2021), que foi realizado com mulheres no sul do Brasil, demonstrou-se relação direta entre a diminuição gradativa do hormônio estrogênio no climatério e a piora da saúde cardiovascular, que necessita do cuidado integral e longitudinal na APS. Exemplificando com a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), foi evidenciada a necessidade da assistência na integralidade a esse grupo de mulheres no climatério, com o propósito de reduzir a sua morbidade e a mortalidade. Compreende-se então que o cuidado a essa mulher deve ser integral. Mas o estudo evidencia que as mulheres demonstram não ter consciência da importância dos cuidados com a HAS, não mantêm sucesso quanto à alimentação hipossódica e a medicação de HAS conforme prescrito.

Outro ponto evidenciado no estudo de Castilhos et al. (2021), é que as mulheres não procuravam as enfermeiras para esclarecimento quanto ao climatério e menopausa. A procura ocorreu somente para realização da coleta do citopatológico. Para as demais demandas procuravam atendimento médico, por não relacionar as mudanças corporais, ganho de peso,

humor alterado, aumento do cansaço e estresse e outros sintomas ao início de um novo ciclo de vida.

É recorrente o desconhecimento das mulheres climatéricas a respeito de sinais e sintomas durante a fase do climatério.

6.2 ABORDAGEM DA ENFERMAGEM AO CLIMATÉRIO NA APS

Carvalho et al. (2023) apontam algumas abordagens realizadas na assistência a essas mulheres. Os autores ressaltam que cada mulher apresenta percepções e vivências na sua singularidade em relação a essa fase de vida, com isso é significativo destacar a importância do enfermeiro em possuir conhecimento acerca das características da população climatérica para ampliar suas práticas em ações de promoção e prevenção em saúde. O enfermeiro deve sempre zelar pela atualização teórica para poder aplicar na prática, visando qualidade da assistência e a integralidade. Na consulta de enfermagem à mulher no climatério, elaborada em conformidade com os preceitos do paradigma da humanização que priorize o bem-estar da mulher e o autocuidado, fazer com que a mulher assuma o protagonismo de cuidar de si mesma e da sua própria história por meio de ações assistenciais e educativas relativas ao climatério.

Santos et al. (2022), contribuem com o mesmo raciocínio, afirmando no seu estudo que a consulta de enfermagem faz se indispensável nos ciclos de vida, gerando conhecimento e segurança, quando assistindo as questões das mulheres climatéricas. Destacam a importância da assistência qualificada para sanar dificuldades e por consequência influenciar positivamente na qualidade de vida das mulheres. Quando realizada com qualidade, a consulta de enfermagem consegue proporcionar educação em saúde, com intuito de viabilizar autonomia, autocuidado e conhecimento para essas mulheres climatéricas. Esta é uma estratégia eficaz para prevenir agravos e promover saúde nas dimensões de integralidade propostas. É necessário propagar e incentivar a importância da consulta de enfermagem, para que a assistência em saúde a essas mulheres seja realizada e aconteça através da aplicação de tecnologias leve e recurso primário no SUS.

Já no estudo realizado por Busatto et al. (2024), foi observada a preocupação em elaborar agendas para coleta de citopatológico, criação e valorização de protocolos acerca do diagnóstico sindrômico e tratamento de IST’s, devido à prevalência de altos índices dessas demandas nessa população, sendo a enfermagem protagonista nas competências em prol desse cuidado ampliado. Nota-se que apesar de ser de forma bem lenta, essa conduta vem

tomando novo percurso, com acompanhamentos cada vez mais humanizados, promovendo uma assistência voltada para a autonomia e empoderamento do indivíduo, sendo participante ativo no seu processo saúde-doença, adequando a ótica das atuais políticas de saúde em vigência. Observa-se um movimento em direção às práticas com propósito na integralidade.

Em contrapartida, tendo em vista que durante o climatério e na menopausa a mulher passa por um conjunto de transformações em seu corpo, gerando muitas dúvidas e a necessidade de adaptação, cabe ressaltar que a mesma necessita de um atendimento diferenciado com foco na situação atual de saúde, e não encontra esse cuidado quando procura assistência. Ao procurar atendimentos para suas demandas, não eram resolutivas, devido ao tratamento ser baseado somente no sintoma apresentado, como demonstrou Valtierra *et al* (2023).

Por sua vez, Banazeski et al. (2023), descrevem algumas abordagens e estratégias realizadas na assistência. Observam que a consulta ocorre com esclarecimentos sobre sinais e sintomas, mudanças nos corpos, alterações hormonais, diferença de climatério e menopausa, alimentação, atividade física, reposição hormonal sobre mudanças que vão ocorrer, como ondas de calor, aumento de peso e sudorese. Sobre as intervenções não medicamentosas para o controle dos sinais e sintomas resultantes do climatério, evidenciaram-se os fitoterápicos e a alimentação. No entanto, na maior parte das abordagens dessas mulheres foram realizadas em ambientes que estão outros usuários com demandas diversas e muitas não recebem a assistência adequada, pois suas demandas são direcionadas aos sintomas apresentados e não assistidas no climatério, pois não há uma direcionada ao climatério.

Banazeski et al. (2023) ainda evidenciam no seu estudo que a utilização das PICs pelo profissional enfermeiro ainda é pouco aplicada na APS. Os profissionais não demonstram conhecimentos sobre as práticas, não sabem indicar uso de chás, aromaterapias ou nenhuma das práticas terapêuticas. Somente alguns mencionam a isoflavona, demonstrando conhecimento superficial dos seus benefícios.

Conforme estudo de Campos *et al.* (2022), no município de Pesqueira, PE, a maior parte dos enfermeiros participantes da pesquisa não souberam detalhar sobre os tipos de reposição hormonal, demonstrando conhecimento muito superficial e somente das vias de administração. Quanto ao uso tópico vaginal (estriol), salientou-se o despreparo e desconhecimento sobre respaldo no município para prescrição de medicação para as mulheres no climatério e frequentemente realizam encaminhando para os médicos efetuarem a assistência dessa demanda.

Por sua vez, Carvalho *et al* (2023) afirma que os enfermeiros acreditam que o climatério é uma temática de competência da categoria médica, devido ao sentimento de impotência e desqualificação sobre a temática.

Segundo Castilhos et al (2021), devido a relação entre a redução dos hormônios ovarianos e o comprometimento na saúde cardiovascular das mulheres climatéricas, mulheres acima dos 40 anos e com diagnóstico de hipertensão necessitam de cuidados diferenciados, precisam do manejo dos sinais e sintomas decorrentes do climatério, necessitam de acompanhamento dos níveis pressóricos, orientações de forma compreensivas e claras, a importância da busca por informações provenientes de fontes confiáveis, demandam um planejamento singular do cuidado prestado, com o intuito de que este seja resolutivo, contínuo e acessível.

6.2.1 A PERCEPÇÃO DO ESTUDO NA CONSULTA DE ENFERMAGEM REALIZADA NA APS

A partir do agrupamento dos resultados da pesquisa desenvolvida por Busatto et al. (2024), foi possível identificar alguns pontos importantes sobre o assunto. O estudo observou que a assistência às mulheres na APS era direcionada a função reprodutiva, considerando apenas a ausência de doenças referente a reprodução ou saúde materna, ou acompanhamento do pré-natal ou aconselhamento e tratamento para IST, ou planejamento familiar e grande parte do processo de cuidados e ações voltadas a sua função reprodutiva.

Segundo Carvalho et al. (2023), por meio da análise foi possível perceber que os enfermeiros não possuem autoconfiança para realizar uma assistência integral às mulheres em consequência da falta de capacitação e atualização de protocolos assistenciais. Foi observado que não aconteceu a educação permanente atualizada, e a conduta das mesmas não são realizadas com fundamentação científica. Além disso, os profissionais possuem uma deficiência em relação ao conhecimento dos profissionais relativo aos cuidados às mulheres no climatério.

Santos et al 2022, afirmam que os profissionais não apresentam domínio com a temática, os conhecimentos poucos aprofundados, incoerência na descrição de climatério e menopausa, e muitos descreve como sinônimos.

Por sua vez, Carvalho et al (2023), no seu estudo demonstra que a maioria dos enfermeiros não realiza atividades de cuidado específica as mulheres nessa fase e ao investigar atividades desenvolvidas para a temática, destaca-se que 40% dos profissionais

realizam pouca ou nenhuma atividade com as mulheres climatéricas. O estudo evidencia que a assistência a essas mulheres se resume em solicitação de mamografia, coletas de material para exame citopatológico, encaminhamentos, terapia de reposição hormonal e uma assistência voltada somente aos sinais e sintomas apresentados em demanda espontânea.

Nesta perspectiva, Carvalho *et al* 2023, aponta-se que o estudo alerta que mesmo com a integralidade aplicada nas políticas públicas, o ciclo não foi quebrado, a assistência contínua centralização das ações no período gravídico-puerperal, voltada para planejamento familiar, gestação, ou seja na saúde reprodutiva da mulher. Por mais que haja o reconhecimento das demandas específicas neste segmento, não há ações dirigidas para esse público, colaborando para o atraso na implementação de estratégias que impactam efetivamente na qualidade de vida dessas mulheres.

As ações educativas são um ponto importante para identificar áreas onde o atendimento pode melhorar o objetivo de oferecer um cuidado de melhor qualidade. Para isso, é preciso pensar na educação em saúde de forma mais ampla, promovendo ações que incentivem a autonomia das pessoas e que levem em conta as experiências de cada indivíduo.

Campos et al 2022, a sensação de despreparo dos profissionais, é decorrente do déficit de falta de realização de ações habituais para educação e promoção da saúde de usuários vivenciando o climatério e habitualmente ocorrem ações voltadas para as mulheres no outubro rosa, mas o destaque é coleta de citopatológico.

6.3 AUSÊNCIA DE EDUCAÇÃO PERMANENTE E ATUALIZAÇÕES DE PROTOCOLOS SOBRE A TEMÁTICA

Todos os estudos evidenciam a necessidade de educação permanente e capacitação para os profissionais de saúde da APS na assistência das mulheres climatéricas. Valtierra et al (2023), destacam que o enfermeiro como ferramenta fundamental na assistência da APS, no qual possui no seu processo de trabalho escuta ativa e vínculo que facilita em observar a necessidade de educação a essas mulheres climatéricas, necessário reunir elementos que resultam em melhor desempenho e na expressão da plenitude das possibilidades físicas, psicológicas e sociais das mulheres nesta fase da vida.

Por isso é considerado importante realizar oficinas e grupos de apoio para mulheres que vivem em condições climatéricas e suas parcerias, para fornecer informações sobre

mudanças que ocorrem nessa fase da vida, estratégias quando utilizadas fazem total diferença na rotina diária desse grupo.

Banazeski et al (2023), ratificam o quanto à educação permanente e continuada não ocorre sobre a temática, os enfermeiros relatam que não ocorre capacitação e os protocolos existentes sobre a saúde da mulher não acontecem atualizações. Afirmam ser de suma importância a capacitação dos profissionais e atualização dos protocolos devido a mudança do cenário populacional no Brasil e no mundo.

De acordo com Campos et al. (2022) e Santos et al. (2022), por ser uma fase biológica pouco explorada e trabalhada na APS é também uma temática pouco conhecida pelas mulheres e população geral. Os profissionais de enfermagem têm conhecimento raso, comprovando a necessidade de mais estudos sobre a temática, para que seja possível a implementação de consultas especializadas em climatério na APS por parte da equipe multidisciplinar, com intenção de promover na qualidade de vida e na assistência. Também na graduação em Enfermagem se faz necessário aprofundamento na assistência à saúde da mulher no climatério.

7 CONCLUSÃO

Este estudo permitiu destacar as possibilidades e desafios para a atuação das enfermeiras da Atenção Primária à Saúde no cuidado às mulheres em climatério. Foram identificadas limitações na abordagem oferecida por esses profissionais no manejo dessa população. Ademais, ficou evidente a carência de pesquisas aprofundadas sobre o tema, dado o número reduzido de publicações disponíveis para análise.

Os resultados evidenciaram que o conhecimento das enfermeiras acerca da saúde da mulher durante o climatério e a menopausa é limitado. Quando referido a conceituação, sinais, sintomas, fisiologia do climatério e terapêuticas de suporte foram superficialmente descritos, certificando a necessidade de se repensar a abordagem e a integralidade do cuidado às mulheres no climatério, visto que os autores relatam inexistência de investimento de capacitação, ações e educação permanente em saúde voltados para esta temática e durante a graduação a temática saúde da mulher é voltado para a fase reprodutiva e o climatério e menopausa são passado de forma superficial.

Identificou o atendimento baseado em sinais e sintomas, observados em demandas espontâneas ou durante consultas para rastreio oncológico (coleta de citopatológicos ou mamografias), a captação dessas mulheres são de forma aleatória e geralmente ocorre no

Outubro Rosa, devido a ações realizadas nesse mês. Entende-se, assim, que a saúde precisa ser percebida para além do simples acesso aos serviços ou à ausência de doença, explorar as demandas relacionadas à saúde, englobando suas diferentes dimensões.

Dentre as práticas e intervenções mais utilizadas pela enfermagem, foi possível identificar as orientações quanto a mudança do estilo de vida que colabora muito a passar por essa fase da vida de forma menos sintomática. Esse estudo demonstra a dificuldade de agrupar importantes estratégias para a assistência da enfermagem a mulheres climatéricas na sua integralidade, devido a escassez de bibliografia, as informações obtidas e avaliadas demonstram a importância do desenvolvimento de protocolos, educação permanente e treinamentos, o mais cedo possível para conduzir o acompanhamento com consulta de qualidade a essas mulheres. Mostra-se a importância da educação em saúde para as mulheres climatéricas e a população geral, pois através dela ocorre o empoderamento do conhecimento e a clareza das mudanças dessa fase da vida. Assim, as mulheres sentem que faz sentido colocar em prática as orientações fornecidas pelas enfermeiras.

Conclui-se que é essencial avaliar e aprimorar o cuidado direcionado às mulheres em climatério, tendo em vista que elas são as principais usuárias do SUS. Cabe à enfermagem garantir uma assistência que seja abrangente, eficaz, consistente e ajustada às particularidades de cada mulher.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE. Em 2022, expectativa de vida era de 75,5 anos | Agência de Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38455-em-2022-expectativa-de-vida-era-de-75-5-anos>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ARAÚJO, Aline Rodrigues de; CHAGAS, Rayane Kelly Ferreira de; LIMA, Israel Coutinho Sampaio. Terapias alternativas para os cuidados dos sintomas da menopausa: delineando possibilidades e desafios. Revista de Pesquisa UFRJ Online, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1267-1273, dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Manual de Atenção à Mulher no Climatério/ Menopausa, Brasília-DF, 2008. Acesso em: 12 out. 2024. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atencao_mulher_climaterio. Acesso em 12 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017. [internet]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em 12/11/2024.

BRASIL. Portaria Nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Dispõe sobre a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde. Brasília, DF, 2017

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos de Atenção Básica, Saúde das Mulheres, Brasília-DF, 2016. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf. Acesso em 04 de agosto de 2024.

BRASIL**.** Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica (PNAB). Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_basica_2017.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

BRASIL . Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher : Princípios e Diretrizes . Ministério da Saúde - 1. ed., 2. reimpr. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas.
Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de
Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL**.** Ministério da Saúde. Protocolos de Atenção Básica Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulher.pdf. Acesso em: 04 set. 2024.

BUSATTO LS, Ardisson MD, Prado TN, Rohr RV, Silva FM, Lazarini WS. Atenção à saúde da mulher na atenção primária: percepções sobre as práticas de enfermagem. Enferm Foco. 2024;15 (Supl 1): e-202403SUPL1. DOI: https://doi.org/10.21675/2357-707X.2024.v15.e-202403SUPL1

CURTA JC, Weissheimer AM. Percepções e sentimentos sobre as alterações corporais de mulheres climatéricas. Rev Gaúcha Enferm. 2020;41 (esp):e 20190198. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190198

DACOREGIO BM, Girondi JB, Amante LN, Bellaguarda ML, Hammerschmidt KS, Soldera D, et al. Práticas integrativas e complementares utilizadas por enfermeiros na atenção primária em saúde. Enferm Foco. 2024;15:e-202484. DOI: https://doi.org/10.21675/2357-707X.2024.v15.e-202484

FIGUEIREDO JÚNIOR, Júlio César; MORAES, Fernanda Viana de; RIBEIRO, Wanderson Alves; PEREIRA, Gabriella Loçasso Ferreira da Luz; FELICIO, Felipe de Castro; ANDRADE, Dina Luciana Batista. A influência dos sintomas climatéricos na saúde da mulher. **Nursing (São Paulo)**, [S.L.], v. 23, n. 264, p. 3996-4007, 5 ago. 2020. https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i264p3996-4007
MPM Comunicação. http://dx.doi.org/10.36489/nursing.2020v23i264p3996-4007.

GALVÃO, L. L. L. F. et al.. Prevalência de transtornos mentais comuns e avaliação da qualidade de vida no climatério. Revista da Associação Médica Brasileira, v. 53, n. 5, p. 414–420, set. 2007.

GEREMIA DS, Oliveira JS, Vendruscolo C, Souza JB, Santos JL, Paese F. Autonomia profissional do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde: perspectivas para a prática avançada. Enferm Foco. 2024;15(Supl 1):e-202417 SUPL1. DOI: https://doi.org/10.21675/2357-707X.2024.v15.e-202417SUPL1.

HEIDEMANN, I. T. S. B. et al.. Potencialidades e desafios para a assistência no contexto da Atenção Primária à Saúde. Texto & Contexto - Enfermagem, v. 32, p. e20220333, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XWTJFv5fdfy9qtqMBMqkk8m/?lang=pt#>. Acesso em: 20 nov 2024.

IBGE. Panorama do Censo 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 12 nov. 2024a.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2022: resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 22 jul. 2024..

JIMÉNEZ, Macarena; HENRÍQUEZ, Camila; MIRANDA, Francisca; OLMEDO, Macarena; IVANOVIC-ZUVIC, Danisa; FLORENZANO, Pablo. Osteoporose pós-menopausa: relevância da busca estruturada de causas secundárias. Uma busca por causas secundárias de osteoporose ou baixa densidade mineral em mulheres na pós-menopausa. Revista Médica do Chile, Santiago, v. 150, n. 5, p. 597, maio de 2022. Disponível em: http://dx.doi.org/10.4067/s0034-98872022000500597. Acesso em: 22 out. 2024.

MENDONCA, Jessica; MENEZES, Isabel Cristina Borges de; BARBOSA, Anna Maria Andrade; MARQUES, Marcos William Santos. EFEITOS PSICOLÓGICOS E EMOCIONAIS DO CLIMATÉRIO NA QUALIDADE DE VIDA DA MULHER. Periódicos Brasil. Pesquisa Científica, Macapá, Brasil, v. 3, n. 2, p. 1599–1609, 2024. DOI: 10.36557/pbpc.v3i2.165. Disponível em: https://periodicosbrasil.emnuvens.com.br/revista/article/view/165. Acesso em: 16 jan. 2025.

MONTORO, Vanessa Aranjues. Abordagem biopsicossocial do climatério/menopausa em uma unidade da atenção básica à saúde de Florianópolis, Santa Catarina. 2018. 24 f. Tese (Doutorado) - Curso de Especialização Multiprofissional na Atenção Básica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018

OLIVEIRA, Fernanda Cristodio de Sousa. Abordagem do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde à mulheres no climatério. 2023. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro., Prefc, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://sigaenf.subpav.org/sites/default/files/2023-04/Vers%C3%A3o%20final%20%283%29.pdf. Acesso em: 23 jan. 2025.

PEIXOTO, Lara Nery; ARAUJO, Mariane Fatima da Silva; EGYDIO, Carolina Andrade; RIBEIRO, Fernanda Elisa; FREGONESI, Cristina Elena Prado Teles; CARMO, Edna Maria do. Perfil e intensidade de sintomas de mulheres no climatério avaliadas em Unidades Básicas de Saúde de Presidente Prudente. *Universidade Estadual Paulista – FCT/UNESP. Pós-Graduação Lato Sensu em Fisioterapia*, Presidente Prudente, SP, 2015

SAMRSLA, Juliana. Enfermagem e o manejo de mulheres no período do climatério na atenção primária à saúde: uma revisão de literatura. 2023. 23 f. TCC (Graduação) - Curso de

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro., Prefc, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://sigaenf.subpav.org/sites/default/files/2023-04/tcr%20vale%20este%20%281%29.pdf. Acesso em: 23 jan. 2025.

SANTOS, B. M.Uma ciência que cuida das pessoas: a noção de cuidado no campo da enfermagem. In: EDITORA UFJF. Saúde e corpo: abordagens contemporâneas. 2. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021. p. [9-25]. Disponível em: https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2021/12/SAUDE-E-CORPO-2.pdf . Acesso em: 20 nov. 2024.

SELBAC, Mariana Terezinha; FERNANDES, Claudia Garcia Carrijo; MARRONE, Luiz Carlos Porcello; VIEIRA, André Guirland; SILVEIRA, Eliane Fraga da; MARTINS, Maria Isabel Morgan. Mudanças comportamentais e fisiológicas determinadas pelo ciclo biológico feminino – climatério a menopausa. Aletheia, Canoas, v. 51, n. 1-2, p. 177-190, dez. 2018.

SILVA, C. D. O papel político da Enfermagem: Nação e Gênero nas Homenagens Póstumas a Anna Nery. In: EDITORA UFJF. Saúde e corpo: abordagens contemporâneas. 2. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021. p. [26-36]. Disponível em: https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2021/12/SAUDE-E-CORPO-2.pdf . Acesso em: 20 nov. 2024.

SILVA, Canã Borba da; BUSNELLO, Grasiele Fátima; ADAMY, Edlamar Kátia; ZANOTELLI, Silvana dos Santos. Atuação de enfermeiros na atenção às mulheres no climatério. Revista de Enfermagem Ufpe On Line, [*s. l*], v. 1, n. 9, p. 312-318, jan. 2015.

SILVA IN, Freitas CK, Lisboa AS, Cunha ML, Mahl C, Guimarães YD, et al. Assistência de enfermagem à saúde da mulher na Atenção Primária à Saúde. Enferm Foco. 2024;15(Supl 1):e-202410SUPL1. DOI: https://doi.org/10.21675/2357-707X.2024.v15.e-202410SUPL.